

Velhas invasões resistem como podem

NELZA CRISTINA

O governo ainda não tem um levantamento completo das invasões em todo DF – depende da informação das administrações sobre os casos registrados em cada área. Mas sabe que terá bastante trabalho pela frente para eliminar alguns focos antigos. Pelo menos, nove locais têm invasões consolidadas, algumas com cerca de dez anos de existência, como é o caso dos barracos montados na QNG 23 de Taguatinga.

Os planos são de retirada das famílias instaladas nestes locais, mas ainda dependem da elaboração de um programa de ação, envolvendo a Secretaria de Habitação e o Sistema Integrado de Vigilância do Uso do Solo (SivSolo). "Temos que ter cuidado ao lidar com essas pessoas e ver que apoio o governo

tudo é precário e alguns moradores sonham com a chegada das autoridades, na esperança de obter melhores condições de vida.

Na QNG 23 de Taguatinga, os barracos se colocam na beira da Via Estrutural. As crianças brincam na lama que se acumula, neste período de chuva. "Ontem a água entrou no meu barraco até quase o joelho", conta Edilene do Carmo, que está grávida de sete meses. Muitas crianças, como Maiara Caetano, sofrem com gripe, asma e pneumonia.

Edilene está esperando seu terceiro filho e é um exemplo da realidade do local. Assim como a maioria

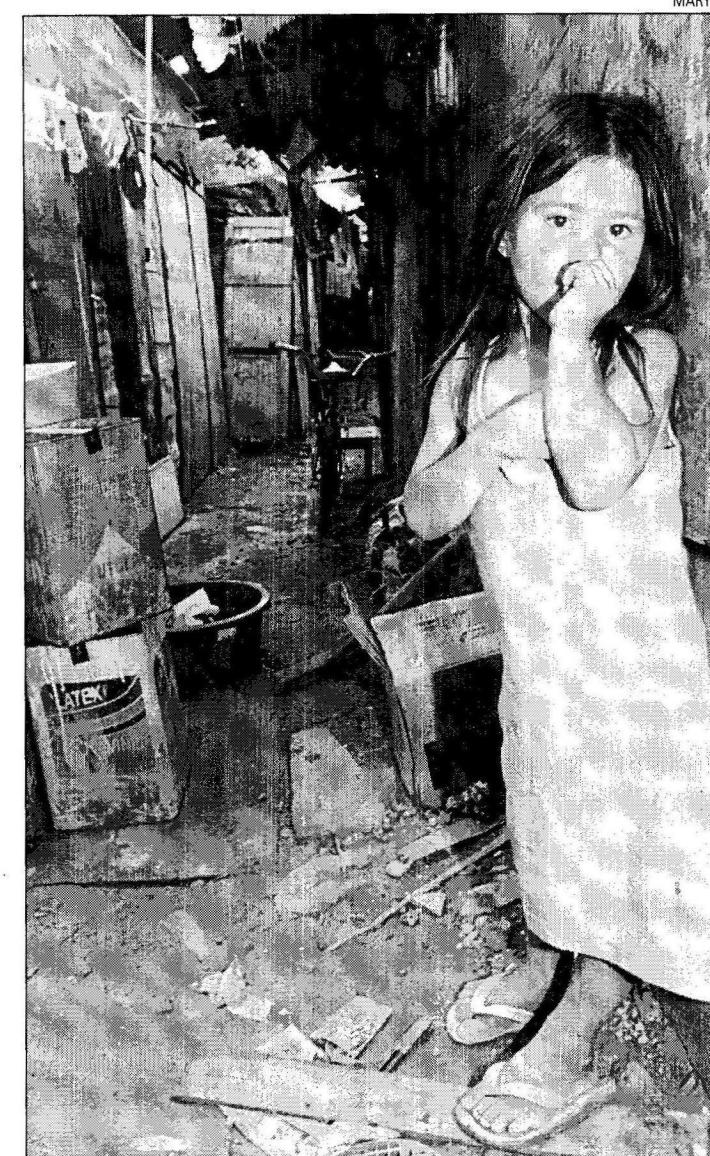
dos que vivem ali, ela e o marido estão desempregados. Sobrevivem com uma ajuda dada pelo governo para o tratamento de sua filha Jéssica, 7 anos, que tem câncer.

A mesma situação é vivida por Vicirlene Alves dos Santos, mãe de quatro filhos. Moradora há sete anos do local, ela, que também está desempregada, alimenta os filhos com uma cesta básica que ganha do governo.

"Quando aparece, pego umas roupas para lavar", diz ela. Edilene e Vicirlene contam que foram para a invasão quando não conseguiram mais pagar aluguel.

No lugar onde vivem, pelo menos, cerca de 50 famílias, os barracos se amontoam uns ao lado dos outros. Nestes locais, em geral,

A retirada das invasões ainda depende do plano de ação conjunta do GDF



CRIANÇAS, como Maiara, esperam dias melhores em outros locais

As duas amigas reclamam que muitos barracos foram construídos na invasão e permanecem fechados. Ano passado, dizem elas, o SivSolo apareceu e derrubou vários barracos vazios construídos por pessoas interessadas em ganhar um lote.

O gerente do SivSolo, no entanto, avisa que não adianta se instalar de uma

hora para outra em uma invasão com a intenção de ganhar um lote do governo.

"Qualquer programa que seja elaborado para a retirada destas invasões irá considerar os critérios do governo"; esclarece o coronel Bispo. Entre estes critérios estão, por exemplo, o tempo de permanência em Brasília, renda e número de filhos.

Vigilância do SivSolo é constante

O SivSolo eliminou, só na região englobada pela Administração de Brasília, 12 pontos de invasão, com um total de 400 famílias. No Setor de Indústria e Abastecimento Norte foram retiradas 214 famílias e outras 340 no Setor de Clubes.

Agora, a vigilância nesses locais é constante, para evitar que outras pessoas ocupem essas áreas. Em alguns lugares, como na invasão da 613 Sul e do Parque Burle Marx a atenção deve ser redobrada

porque há sempre alguém se instalando.

São pessoas como o catador de papel Otacílio Mendes da Silva, 59 anos, que tem resistido, apesar de todos as ações do governo, em uma área entre a Vila Planalto e a Esplanada dos Ministérios.

Em cinco anos de Brasília, seu barraco foi derrubado seis vezes. Agora, Otacílio e sua família querem retornar para sua cidade de origem, Petrolina (PE). Eles esperam ganhar as passagens de ônibus. (N.C.)